

EDITORIAL

Um dos grandes símbolos da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial do país, Arthur Bispo do Rosario tornou-se uma das maiores referências para a arte moderna e contemporânea.

Sua obra, realizada durante os 50 anos em que permaneceu internado na antiga Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, após ser diagnosticado como paranóico-esquizofrênico, surpreende não apenas pelo talento contido na criação de cada peça.

Ele cria o seu universo com a utilização de materiais descartados como sucata e os objetos recolhidos dos restos da sociedade de consumo – plástico, madeira, tecidos, botões transformam-se em registro do cotidiano dos indivíduos, somando-se aos textos de seus bordados.

Louco ou gênio? Vale conferir a matéria de capa dessa edição para conhecer detalhes da maior mostra da obra de Arthur Bispo do Rosario, que será exibida no Itaú Cultural, em São Paulo, a partir do dia 18.

A apresentação do bailarino David Motta Soares, que deixou o Bolshoi em solidariedade aos colegas ucranianos, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, também merece destaque. Ele estará no palco nos dias 14, 15 e 22, na reapresentação do ballet *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky.

Boa Leitura!

ÍNDICE

04

OXIGENE: Theatro Municipal do Rio de Janeiro apresenta a obra completa do ballet *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikovsky | *Circo Crescer e Viver*, um circo social de múltiplas inteligências, apresenta a programação de maio | No CCBB RJ, musical *Céu Estrelado* resgata o cancionero popular brasileiro

11

MATÉRIA DE CAPA – Arthur Bispo do Rosario – A potência da arte como exercício de liberdade

18

TURISMO: Placencia, Belize – o adorável *mood* caribenho

24

A Invenção da Cor: Magic Square #3 – CCBB Brasília apresenta obra-instalação inédita de Hélio Oiticica

29

Centro Cultural Correios SP abre coletiva *O encontro é um lugar impossível* com obras de 24 artistas de cidades do interior e da capital paulista

32

Pssiiiiuuu... Mostra antológica de Anna Maria Maiolino traz vida-obra de uma das mais relevantes artistas contemporâneas, a partir do dia 7, no Instituto Tomie Ohtake (SP)

36

Waltercio Caldas – O estado das coisas, na Galeria Raquel Arnaud SP

38

Galeria Brasileirinho, em Tiradentes (MG), lança o 1º catálogo de 2022 com raridades da arte popular brasileira

40

DIRETO DE LONDRES: Exposição na Whitechapel Gallery, Londres, desvenda 100 anos dos estúdios dos artistas

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Antonella Kann

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.



Foto: Júlia Rónai

Theatro Municipal do Rio de Janeiro apresenta a obra completa do ballet O LAGO DOS CISNES, de Tchaikovsky

Com direção geral de Hélio Bejani, remontagem e adaptação de Jorge Teixeira, o clássico de repertório traz ao palco principal o Ballet do Theatro Municipal e o bailarino convidado David Motta Soares, que deixou o Bolshoi em solidariedade aos colegas ucranianos

Esse mês, o Ballet do TMRJ volta ao palco, em uma nova temporada, com o icônico “*O Lago dos Cisnes*”, de Tchaikovsky. A remontagem e adaptação da coreografia de Marius Petipa é de Jorge Texeira e a direção geral de Hélio Bejani. No elenco, além do corpo de baile e solistas, estarão no palco os primeiros bailarinos do Theatro Municipal e o bailarino convidado, David Motta Soares que deixou o cargo no Ballet Bolshoi, em solidariedade aos bailarinos ucranianos, e hoje integra o Ballet Estadual de Berlim, na Alemanha.

“Alegria é o sentimento que dá o tom ao momento que estamos vivenciando. Voltar ao palco do Theatro Municipal, juntamente com nossa orquestra, na condição que nos faz únicos... os grandes ballets do repertório clássico mundial. E nada mais significativo do que O Lago dos Cisnes – ressalta o regente do BTM, Hélio Bejani.

“Há exatamente 10 anos assinei a primeira remontagem do ballet O Lago dos Cisnes para a Cia Brasileira de Ballet, versão que já se apresentou em diversas cidades como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Florianópolis, São Paulo, Juiz de Fora, Vitória e Medellín, na Colômbia. Em 2019, assinei a remontagem para a Cia BEMO -TMRJ, já sob a direção geral de Hélio Bejani. Agora, estamos mais uma vez juntos, só que desta vez para o Ballet do Theatro Municipal do RJ – conta Jorge Texeira.

O LAGO DOS CISNES

Encenado em quatro atos, o ballet conta a história da princesa Odette, uma jovem aprisionada no corpo de um cisne pelo bruxo Von Rothbart. Vivendo no entorno de um lago, para se libertar dessa condição, ela precisa que um jovem virgem lhe declare amor e fidelidade. Caso essa jura de amor seja quebrada, Odette permanecerá para sempre como cisne.

Nos papéis principais da Princesa Odette e do Príncipe Siegfried, estarão Cláudia Mota e David Motta (bailarino convidado), Márcia Jaqueline e Cícero Gomes e Juliana Valadão e Filipe Moreira.

FICHA TÉCNICA

Primeiros papéis

Odette/Odile & Siegfried

Cláudia Mota e David Motta (bailarino convidado)

Márcia Jaqueline e Cícero Gomes

Juliana Valadão e Filipe Moreira

Récitas

14 e 20/05 às 19h – 22/05 às 16h

Cláudia Mota e David Motta Soares (bailarino convidado)

15/05 às 16h – 19, 21 e 25/05 às 19h

Márcia Jaqueline e Cícero Gomes

18, 24 e 26/05 às 19h – Juliana Valadão e Filipe Moreira

SERVIÇO

O Lago dos Cisnes com OSTM & Carlos Mendes

Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Endereço: Praça Floriano, S/N – Centro, RJ

Datas: 14 de maio (abertura), 19, 20, 21, 25, 26 e 27 às 19h / 15 e 22 às 16h

No dia 13 de maio, o ensaio geral será aberto ao público e antes de cada espetáculo haverá uma palestra sobre a obra e suas curiosidades.

Duração do ballet: 2h – com 15 minutos de intervalo

Classificação: Livre

Ingressos: Na bilheteria do TMRJ ou através da plataforma ImPLY



CIRCO CRESCER E VIVER, um circo social de múltiplas inteligências, apresenta a programação de maio

Impactar vidas e transformar contextos através da arte é o objetivo do grupo que junta pessoas para inventar histórias individuais e fazer do encontro o trampolim para saltos coletivos. “Colaboração, perseverança, confiança e coragem são os mastros que nos sustentam. Nosso pano de roda está aberto para ideias e simbolismos despertados pela magia de pisar no picadeiro. Aqui,

indivíduos e artistas são preparados com os riscos do circo para assumir os riscos da vida; nossas metodologias viram truques para vencer as desigualdades, compartilhamos valores e experiências para que o universo do lúdico seja uma dimensão do exercício pleno da cidadania”, afirma Junior Perim, fundador e diretor do Circo e membro do Instituto Pereira Passos.



Todas as fotos: Divulgação

TELEPÁTICO – Circo Dux

Dias 2, 3 e 4

Informações e ingressos:

<https://www.sympla.com.br/evento/telepatico-circo-dux/1535205> (02/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/telepatico-circo-dux/1535222> (03/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/telepatico-circo-dux/1535232> (04/05)

Telepatia significa a estranha habilidade de ler pensamentos e é justamente isso o que acontece no palco.

Com uma boa dose do clássico humor circense, o espetáculo da Cia Dux funde técnicas de ilusionismo, malabares e uma excêntrica veia musical para passear pelos mistérios da mente e do corpo.

No picadeiro, a dupla executa uma série de números instigantes, guiando a plateia através de uma experiência única com o circo. Em pleno picadeiro, Lucas e Palito vão desvendar os mistérios da mente e do corpo humano, através de performances que prometem surpreender.

O espetáculo é gratuito! Basta retirar seu ingresso na bilheteria do Circo Crescer e Viver uma hora antes.

AUÊ – Cia Barca dos Corações Partidos

Dias 6, 7 e



Informações e ingressos:

<https://www.sympla.com.br/evento/ae-cia-barca-dos-coracoes-partidos/1537719> (06/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/ae-cia-barca-dos-coracoes-partidos/1537737> (07/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/ae-cia-barca-dos-coracoes-partidos/1537753> (08/05)

Auê recebeu 38 indicações e venceu 18 dos principais prêmios da categoria.

O musical *Auê*, da Cia Barca dos Corações Partidos, encara a difícil tarefa de traduzir o sentimento de quem está amando.

A criação, que é uma obra coletiva da trupe, conta com 21 composições originais de trilha sonora e equilibra teatro, dança e performance com um elenco que realiza uma farrá teatral como forma de explorar as dores e delícias do coração.

O TEATRO MÁGICO – Trupe Completa

Dias 13, 14 e 15



Informações e ingressos:

<https://www.sympla.com.br/evento/o-teatro-magico-trupe-completa/1493068> (13/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/o-teatro-magico-trupe-completa/1493073> (14/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/o-teatro-magico-trupe-completa/1493074> (15/05)

O Teatro Mágico volta aos palcos com a trupe completa para apresentar o seu novo álbum LUZENTE, lançado em março deste ano.

No show pode-se esperar o espetáculo que conquistou todo o país e se tornou referência do pop e da MPB, unindo música, poesia, malabarismos, números acrobáticos e muita interação com a plateia.

Serão apresentadas as canções do novo álbum e os clássicos desses 18 anos de trajetória.

TONI PLATÃO & The Soft Parade Band em “O Amor Segundo Herbert Vianna”

Dias 19 e 20



Informações e ingressos:

<https://www.sympla.com.br/evento/toni-platao-the-soft-parade-band-em-o-amor-segundo-herbert-vianna/1464774> (19/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/toni-platao-the-soft-parade-band-em-o-amor-segundo-herbert-vianna/1535368> (20/05)

Em “O Amor Segundo Herbert Vianna”, Toni Platão e The Soft Parade Band executam um passeio pelo cancionero romântico do cantor, guitarrista e compositor dos Paralamas do Sucesso.

Com a palavra, João Barone: *“Andando pelas ruas, ninguém nunca viu uma placa sinalizando: Cuidado! Amar é perigoso! Para isso – e para nossa sorte – existem tantas e tão magníficas canções de amor. E para emoldurar esse cancionero chega Toni Platão, num misto de Lupicínio Rodrigues e Van Morrison, para nos alertar sobre O Amor Segundo Herbert Vianna”. Mas de nada vai adiantar tão bonito alerta: continuaremos nos arriscando no amor!”*

CARRILHÃO – Vende-se coisas de palhaço Coletivo NOPOK

Dias 24, 25 e 26



Informações e ingressos:

<https://www.sympla.com.br/evento/carrilhao-vende-se-coisas-de-palhaco-coletivo-nopok/1535417> (24/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/carrilhao-vende-se-coisas-de-palhaco-coletivo-nopok/1535424> (25/05)

<https://www.sympla.com.br/evento/carrilhao-vende-se-coisas-de-palhaco-coletivo-nopok/1535428> (26/05)

Mascates de ontem, hoje e amanhã, o Coletivo NOPOK une o circo e o teatro no palco para falar dos mercadores de todos os tempos e lugares.

A dupla Daniel Poittevin e Fernando Nicolini usa a paixão pela charla, o encantamento pelas palavras e o feitiço inerente de um bom vendedor como pano de fundo para criar um espetáculo que busca resgatar as memórias afetivas ligadas à tradição do circo.

Compramos também os olhos, o sorriso e a simpatia do negociante? Compra-se ou se é comprado? Essas são algumas das questões abordadas no palco pelos artistas que se desdobram entre diversos personagens e narrativas, trazendo alegorias de diferentes culturas e épocas.

CABARET – Show de Variedades – 7ª edição

Dia 27

Informações e ingressos:

<https://www.sympla.com.br/evento/cabaret-show-de-variedades-7-edicao/1535411> (27/05)

O Cabaret é uma vitrine dos talentos circenses da cena carioca e uma importante iniciativa para a retomada cultural do Rio.



Na sua 7ª edição, traz mais uma seleção especial com 10 apresentações que prometem deixar o público atento e animado. Não é para menos: como sempre, as performances apresentadas estarão disputando o prêmio de melhor apresentação da noite, a partir da votação do público presente.

A responsabilidade é grande, e normalmente a disputa é bastante acirrada. Após cada espetáculo, os vencedores – mesmo que a escolha não seja unânime – são reverenciados pelo público.

FULANO & SICRANO – Centro Teatral e Etc e Tal

Dias 28 e 29

Informações e ingressos:

<https://www.sympla.com.br/evento/fulano-sicrano-centro-teatral-etc-e-tal/1530769> (28/05, 16h)

<https://www.sympla.com.br/evento/fulano-sicrano-centro-teatral-etc-e-tal/1530784> (28/05, 20h)

<https://www.sympla.com.br/evento/fulano-sicrano-centro-teatral-etc-e-tal/1530790> (29/05)



Combinando humor inteligente com a linguagem dos desenhos animados, o grupo Centro Teatral e Etc e Tal apresenta “Fulano & Sicrano”, uma comédia adulta que encena situações banais do cotidiano com humor rasgado, que é a marca do grupo.

Diferente de um espetáculo de mímica clássica, a peça passeia entre várias correntes da expressão corporal, induzindo o olhar do público a se concentrar nos atores Alvaro Assad e Marcio Moura, que se revezam em diferentes fulanos e sicranos, com a precisão da linguagem gestual em sintonia com a comédia popular.

A peça é dividida em três quadros: A Tragédia de Elizabeth Maria, O Dentista e Vida Submarina. Cada história é composta por uma técnica teatral diferente, de situações angustiantes e hilárias ao humor delicado e sutil.

LOCAL

Circo Crescer e Viver

Rua Carmo Neto, 143, Lona de Circo, Cidade Nova

Rio de Janeiro, RJ – <https://crocrescereviver.org.br/>





Foto: Dalton Valério

No CCBB RJ, musical CÉU ESTRELADO resgata o cançãoeiro popular brasileiro

Em uma história que reflete sobre o nosso lugar no mundo, a partir de relações pessoais e sociais, *Céu Estrelado* faz um resgate do cançãoeiro popular brasileiro. Idealizado por Gustavo Nunes, com texto de Carla Faour, o espetáculo tem direção de Viniciús Arneiro e João Fonseca; a direção musical é de Tony Lucchesi; a produção, da Turbilhão de Ideias.

Os diretores Viniciús Arneiro e João Fonseca repetem uma bem-sucedida parceria, iniciada em *“Cássia Eller – O musical”*, para contar a história de Antônia, vivida pela cantora, compositora e atriz potiguar Juliana Linhares, uma das principais revelações da MPB na pandemia. Na trama, a personagem, nascida na cidade fictícia de Carneirinhos, se muda para o Rio de Janeiro, brigada com o pai, seu Cris (Bruno Garcia), para tentar a carreira de cantora.

Depois de alguns anos, ela volta a pedido da família para participar da festa da Santo Antônio na fazenda onde moram. Ao lado do namorado estrangeiro, Johnny (Hamilton Dias), Antônia vai reencontrar, além do pai, um antigo amor, Paixão (Daniel Carneiro), sua irmã Cidinha (Dani Câmara), e a faz-tudo da fazenda, Fafá (Natasha Jascavich). Na trilha sonora escolhida pela equipe criativa, estão canções de Milton Nascimento, Chico César, Chico Buarque, Gilberto Gil, Jovelina Pérola Negra, entre outras.

SERVIÇO

Céu Estrelado

26 de maio a 5 de junho

Quinta a sábado às 19h – domingo às 18h

Local: CCBB RJ – Teatro I

Rua Primeiro de Março, 66 – Centro, RJ

Informações: 3808-2020

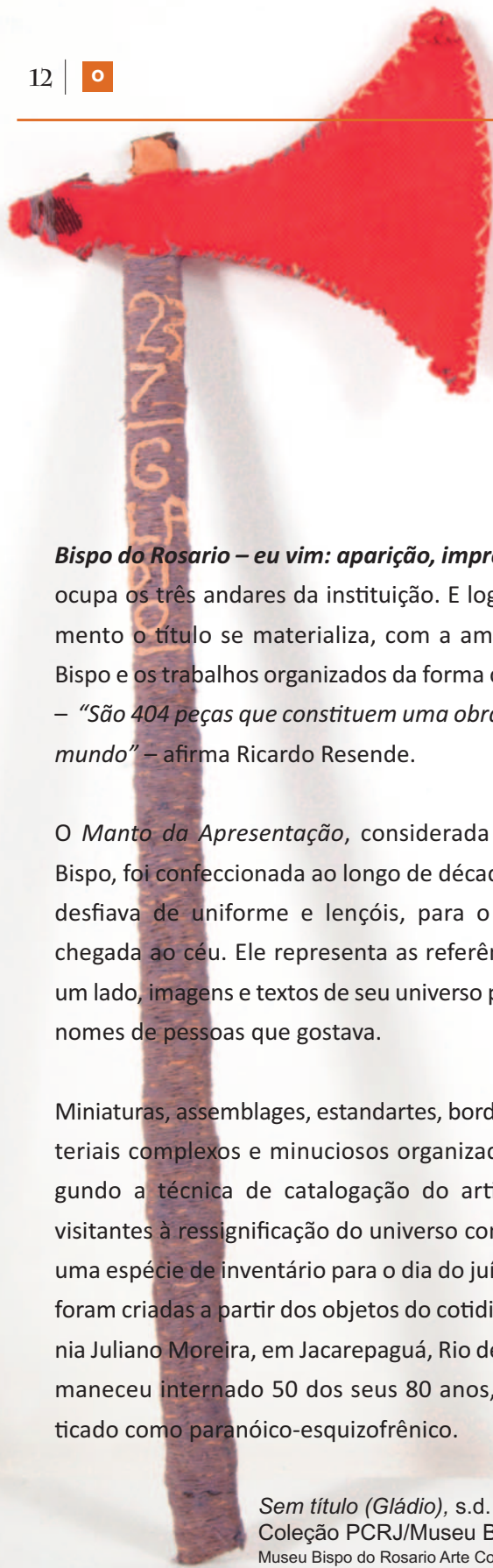


Retrato de Arthur Bispo do Rosario

Foto: Hugo Denizart

ARTHUR BISPO DO ROSARIO

A potência da arte como exercício de liberdade



Itaú Cultural São Paulo apresenta a maior mostra do Bispo do Rosario, a partir do dia 18. Com curadoria de Ricardo Resende e cocuradoria de Diana Kolker, a exposição promove um mergulho no universo mágico do artista que afirmava ser aquele que viera julgar os vivos e os mortos

Bispo do Rosario – eu vim: aparição, impregnação e impacto ocupa os três andares da instituição. E logo no primeiro momento o título se materializa, com a ambiência da cela do Bispo e os trabalhos organizados da forma como ele os deixou. – “São 404 peças que constituem uma obra só, sua coleção do mundo” – afirma Ricardo Resende.

O *Manto da Apresentação*, considerada a obra síntese do Bispo, foi confeccionada ao longo de décadas, com linhas que desfiava de uniforme e lençóis, para o momento de sua chegada ao céu. Ele representa as referências do artista: de um lado, imagens e textos de seu universo particular; do outro, nomes de pessoas que gostava.

Miniaturas, assemblages, estandartes, bordados, costuras, materiais complexos e minuciosos organizados em vitrines segundo a técnica de catalogação do artista, conduzem os visitantes à ressignificação do universo concebida pelo Bispo, uma espécie de inventário para o dia do juízo final. Suas peças foram criadas a partir dos objetos do cotidiano da antiga Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, onde permaneceu internado 50 dos seus 80 anos, após ser diagnosticado como paranóico-esquizofrênico.

*“Quando eu subir,
os céus se abrirão
e vai recomeçar
a contagem
do mundo.
Vou nessa nave,
com esse manto
e essas miniaturas
que representam
a existência. Vou
me apresentar”*

Bispo do Rosario



Sem título (Atenção: veneno), s.d. montagem, costura, bordado, escrita e carpintaria, Coleção PCRJ/Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea
 Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea / Foto: Rafael Adorjan

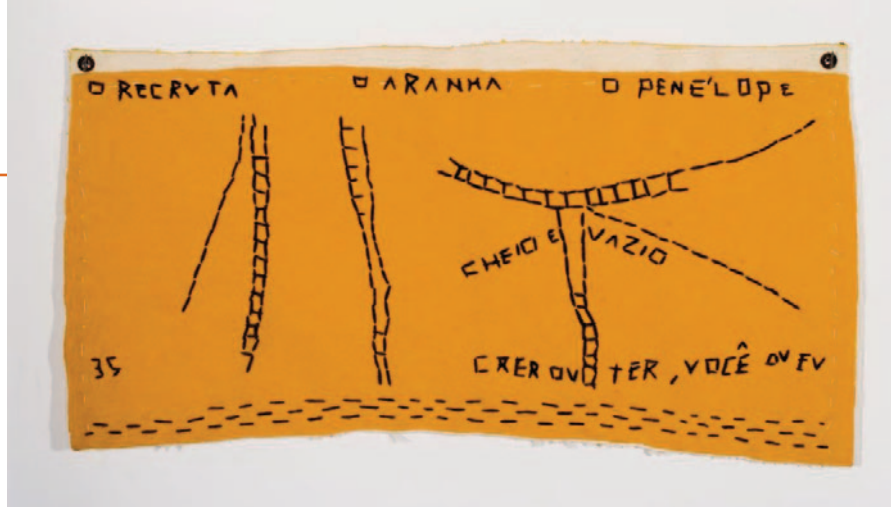
– Canecas de alumínio, botões, colheres, caixas de frutas, garrafas de plástico e calçados são alguns dos materiais utilizados por ele, que também promovia uma espécie de escambo como moeda de troca, por exemplo, para adquirir um cabo de vassoura – conta o curador, ao afirmar que o artista numerava todas as suas peças e registrava a descrição de cada um dos objetos.

Ricardo Resende ressalta que o Bispo tinha um caráter de organização extraordinário. – Tudo tinha o seu lugar e ocupava o espaço apropriado. A artista Nelly Gut-

macher, que foi coordenadora das oficinas do Parque Lage na Colônia Juliano Moreira, conta que certa vez, em visita à cela do Bispo, propôs que ele trocasse uma de suas peças por um trabalho dela. ‘Se eu trocar qualquer peça vou desmanchar o meu universo’, ele respondeu. Essa exposição respeita o senso expositivo do Bispo – afirma o curador.

A EXPOSIÇÃO

Somam-se às 404 peças de Arthur Bispo do Rosario outras 207 obras de artistas que foram influenciados ou



Leonilson, *O recruta, o aranha, o Penélope*, s.d, Itaú Cultural

quem são exibidas diversas obras da série em nanquim sobre papel, *Alienados*, de 1961, além de trabalhos do *Museu do Inconsciente Nise da Silveira – Engenho de Dentro*, como uma série de fotografias de Geraldo Lucio Aragão, do Hospital Psi-quiátrico São Pedro.

2º SUBSOLO – O IMPACTO

E A IMPREGNAÇÃO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Considerado como um dos maiores expoentes da arte contemporânea do Brasil, neste andar as obras de Bispo dialogam com as de artistas como Leonilson, Paulo Nazareth, Maria Aparecida Dias, Maxwell Alexandre, Rosana Palazyan, Rick Rodrigues, Sônia Gomes e Pedro Moraleida. Carmela Gross volta a aparecer com *Cabeças*, de 2021, formada por 42 colagens em nanquim sobre papel e dimensões variáveis.

No texto curatorial, Ricardo Resende e Diana Kolker destacam que *“ao romper com o espaço-tempo, Bispo fraturou a história, desfazendo os traços que a conformam para, com essas mesmas linhas, bordar (para) o fim do mundo. Desde a sua primeira apresentação, em 1989, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, a obra de Bispo produziu efeitos imensuráveis para a arte moderna e contemporânea”*.

A produção de suas peças com materiais oriundos do lixo e da sucata passa a ser comparada à obra vanguardista de Marcel Duchamp. *“... Somente o espectador póstumo, enunciado por Duchamp, poderia imaginar que os registros da passagem do Bispo pela terra, uma vez expostos ao público, tornar-se-iam uma das influências mais profundas na visualidade da arte brasileira dos anos 90”*, escreve a crítica de arte Lisette Lagnado em *“Arthur Bispo do Rosário e a Instituição”*.

O BISPO

Negro, pobre e nordestino, nasceu em Japarutuba, Sergipe, em 1909. Deixou sua terra natal para ingressar na Marinha, em 1925. Foi boxeador e biscateiro. Entre 1933 e 1937, trabalhou no Departamento de Tração de Bondes, no Rio de Janeiro. Por fim, como empregado doméstico da família Leone, no bairro carioca do Botafogo, onde teve a revelação que modificou sua vida.

Na noite do dia 22 de dezembro de 1938, ele se vê descendo do céu, acompanhado por sete anjos que o deixam na *“casa nos fundos murados de Botafogo”*, segundo o bordado que relata o acontecimento em um dos seus estandartes. Bispo sai, madrugada adentro, pela rua deserta até chegar ao Mosteiro de São Bento,

SEMINÁRIOS

Complementando a exposição serão realizados seminários sobre cultura, saúde mental e bem-estar.

Programação de maio:

Dia 24, 10h – Cultura, Saúde Mental e Bem-Estar

A cultura e as artes na promoção de saúde e de cuidado e na produção de novas subjetividades, de desconstrução de estigmas e afirmação da diversidade como potência.

Eduardo Saron (mediador) – Diretor do Itaú Cultural
 Ana Paula Guljor – Psiquiatra, pesquisadora da FIOCRUZ e editora da Revista do Observatório 31
 Ricardo Resende – Curador do Museu Bispo do Rosario

Dia 25, 10h – Arte, Saúde Mental e Neurociência Neurociência e as Artes

As possíveis contribuições das artes para a prevenção ou reabilitação de quadros neurológicos. Como tanto a criação artística como a fruição artística fazem bem ao cérebro.

Ana Paula Guljor (mediadora) – Psiquiatra, pesquisadora da FIOCRUZ e editora da Revista do Observatório 31
 Alfred Sholl-Franco – Professor Associado do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) (debate/Provocação)
 Tasha Golden – Diretora de Pesquisa do *International Arts + Mind Lab* da *Johns Hopkins University*

Dia 26, 10h – Benefícios sociais e econômicos do uso das artes e cultura

Programas e instituições pelo mundo que promovem laboratórios, pesquisas e políticas públicas expandindo

as fronteiras entre artes, cultura e saúde mental

Mariana Steffen (mediadora) – Mestre em Políticas Públicas (UFRGS). Pesquisadora da *People's Palace Projects*

Carmen Lúcia Albuquerque de Santana – Professora na residência de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental do Departamento e Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (debate/provocação)

SERVIÇO

Bispo do Rosario

eu vim: aparição, impregnação e impacto

De 18 de maio a 2 de outubro

Terças-feiras a sábados, das 11h às 20h

Domingos e feriados das 11h às 19h

Itaú Cultural – www.itaucultural.org.br


Avenida Paulista, 149, São Paulo, SP

próximo à estação de metrô Brigadeiro

Ingressos: gratuitos



*Sem título (Colônia Juliano Moreira), s.d. costura, revestimento, bordado e escrita Coleção PCRJ/ Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea
 Museu Bispo do Rosario Arte Contemporânea / Foto: Rafael Adorjan*



PLACENCIA, BELIZE: o adorável *mood* caribenho

Texto e fotos: Antonella Kann

www.antonellakann.com

antonellak1954@gmail.com

Três horas de carro separam a cidade de Belize do pacato vilarejo de pescadores de Placencia, aninhado no final arenoso de uma península. Cercado de corais e alinhado pelo mar do Caribe, é um destino exótico que passa ainda despercebido

Balthazar, Cleber e, claro, Jonathan. Estes foram os nomes com os quais batizamos os três pelicanos que se tornaram o nosso entretenimento matinal durante toda a semana que passamos em Placencia, um vilarejo de pescadores bem rústico, localizado numa península ao sul de Belize.

A cada manhã, acompanhando os primeiros raios de sol, eles vinham se empoleirar nas cadeiras do pequeno píer que avistávamos desde a nossa varanda. Contemplamos embevecidos o balé aquático dessas aves que mergulhavam incansavelmente nas águas plácidas do mar. Suas investidas – quase ininterruptas até o anoitecer – nem sempre resultavam em um banquete, mas ocasionalmente pareciam satisfeitos com a pescaria e deglutiam o seu festim em poucos segundos.

Antes de continuar esse relato, preciso posicionar a nossa latitude: 16º 30´ 51. 08” N, mar do Caribe, bangalô de número 18 do *Turtle Inn Resort*, que o diretor do filme *O Poderoso Chefão* (sim, você lembrou, é o Francis Ford Coppola!) grifa como um dos seus luxuosos refúgios na América Central.

Estamos regamente instalados, pé-na-areia, com uma praia particular a três degraus de distância.





Maya Beach

Foto: Nagyman / Flickr

O bangalô mais próximo está a 15 metros e tem uma piscininha própria – é o da Sofia C. (a filha), que de vez em quando aparece para passar férias com a sua família. De fato, estamos hospedados no mais exclusivo e requintado hotel de Placencia. Valeu a pena enfrentar a jornada: um airbus até Miami, em seguida um voo de três horas até Belize e de lá uma conexão a bordo de um monomotor de seis lugares da *Tropic Air* que literalmente aterrissa a menos de 300 metros do *resort*. Mas, nada a temer: esses aviõezinhos fazem menos ruído do que as motos que transitam pela única estrada da península. E não decolam depois do pôr-do-sol.

Convenhamos que ficar num lugar desses promete uma estadia sossegada, perfeita para acabar com o estresse e curtir sombra e água de coco (lá tem, servida do

mesmo jeitinho brasileiro) sob o sol a uma temperatura deliciosa. Era o mês de abril, uma época não muito concorrida no Caribe, pois o risco de chuva é grande. Embora preparada para me molhar, contava com a sorte. Que veio em cheio.

E a rotina em Placencia era mais ou menos assim: acordar com as primeiras luzes que penetravam pelas frestas das persianas, deslizar diretamente da cama *king size* para a areia e um mergulho nas águas tépidas do mar. Depois de um abundante *desayuno al fresco*, íamos lagartixar nas duas espreguiçadeiras que ornamentavam o pedacinho de praia que podíamos chamar de nosso, bem defronte ao bangalô. Com um bom livro na mão, ou simplesmente à espreita das traquinadas dos nossos graciosos amigos alados.

Com uma semana pela frente para desfrutar de Placencia, não há pressa para se fazer nada correndo – só se for correr na praia até o vilarejo, mas pessoalmente recomendo pegar uma das bicicletas que o *resort* coloca à disposição e pedalar os três quilômetros até a vila onde moram cerca de três mil pessoas e circulam mais um punhado de turistas oriundos de vários cantos do planeta.

Pelo asfalto você passa por várias outras pousadas, algumas bem simpáticas, e a maioria de frente para o mar. Outra boa opção é ir a pé diretamente do hotel pela *Maya Beach*, aproveitando para dar uns mergu-

lhos refrescantes. Após uns vinte minutos andando na areia, começam a aparecer alguns restaurantes e bares, e logo você encontra uma passarela de madeira quase rente ao mar, ladeada por singelas lojinhas de artesanato beliziano, sinal de que você chegou à civilização.

Panos bordados, cestos coloridos, talhas em madeira e bonecos de pano são mercadorias que atraem bastante os estrangeiros e acabam dentro da sua mala, por mais que se tente resistir. Seguindo sempre em frente, você chegará ao pequeno porto de Placencia, uma área abrigada do vento onde estão fundeados alguns veleiros,





lanchas e diversas embarcações de pescadores. Dependendo da hora, eles ainda se encontram no cais limpando o peixe que acabaram de desembarcar.



Em volta do porto, o comércio local se resume a pequenas quitandas que vendem legumes e frutas, uma sorveteria italiana (com sabores deliciosos!), *coffeeshops*, lojas de conveniência, armazéns de quinquilharias e peças de barco, oficinas, um posto de gasolina, um campo de futebol, lojinhas de roupas de banho e brinquedos de criança, barracas de rua com material de mergulho e também alguns locais que se anunciam como *spas* e que sinalizam suas massagens terapêuticas. Parece bobagem, mas há profissionais bem talentosos neste quesito e as tarifas são bem mais em conta do que nos hotéis.



Em suma, ritmo de cidadezinha caiçara, vida pacata ao extremo, mais gente do que carros, nativos e gringos convivendo em harmonia e caminhando descontraidamente na única rua principal. Em tempo: Placencia é um lugar seguro, onde você passeia a qualquer hora do dia ou da noite com tranquilidade. A pé ou até mesmo de bicicleta.



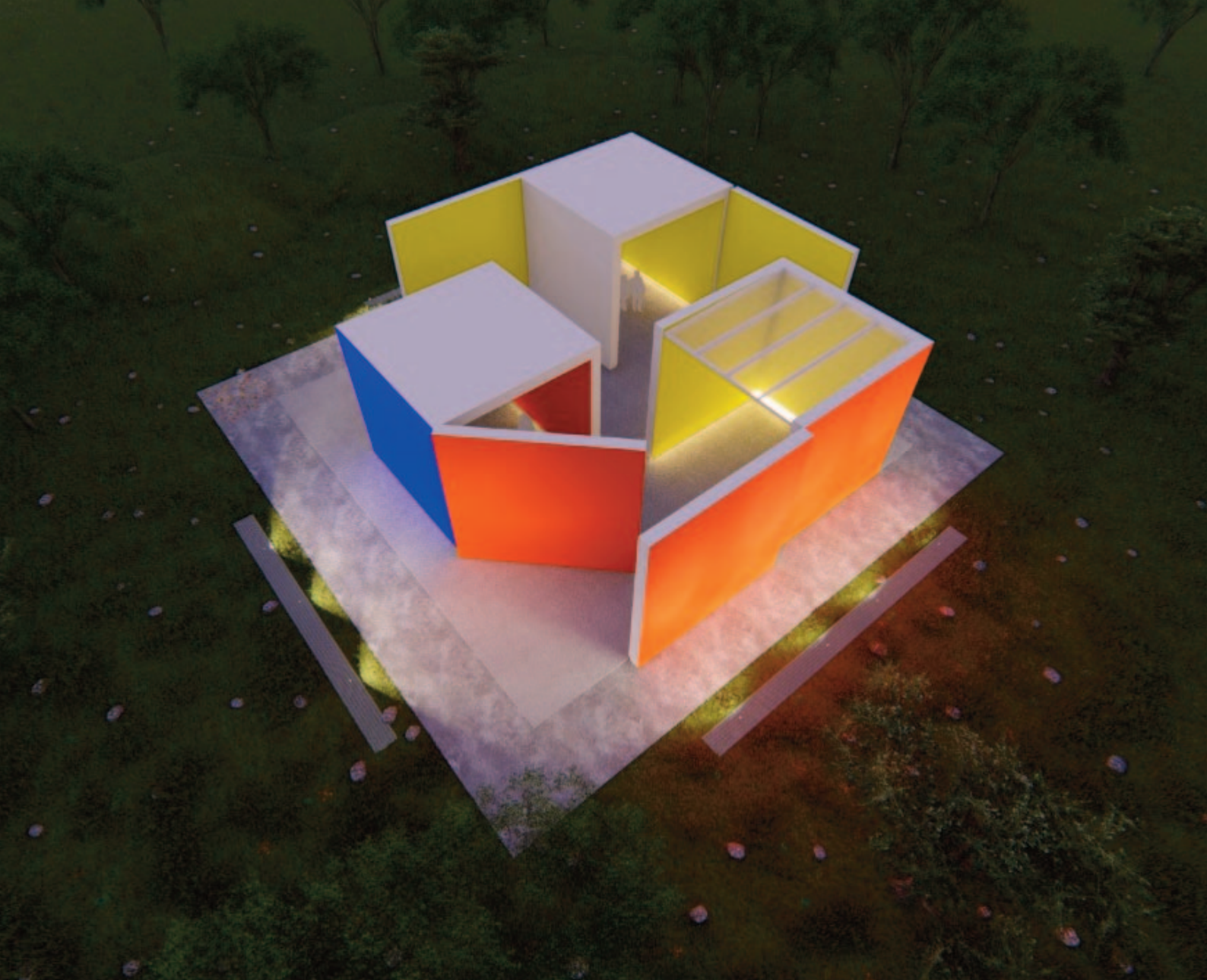
Bem, depois tem sempre mar e aquela região é reputada para o mergulho, suas águas piscosas e estupendos corais em toda parte. Há muitos velejadores que escolhem a baía de Placencia para jogar suas âncoras e reabastecer o barco. Tem dias que a água está tão cristalina que dá para ver o fundo até dois metros, sem o uso de máscara. Neste pedaço do Caribe *low profile*, você pode passear de caiaque, fazer SUP com segurança, até mesmo contornar a região do porto e fazer *snorkel* a qualquer hora do dia. Essa são as atividades de praxe para turista de qualquer idade. Há também embarcações tripuladas que podem ser alugadas para passar o dia explorando a região, e que fazem paradas

estratégicas em ilhas próximas para quem quer mergulhar. Outras operadoras locais, que estão sediadas em quiosques espalhados pela vila, agendam programas especializados em pescaria, também uma atração para os aficionados. Em geral, levam o equipamento a bordo. Placencia ainda conta com uma importante base da operadora *Moorings*, que oferece veleiros e cata-marãs para *charter*. Uma semana é o ideal para traçar um itinerário circundando a península.

SERVIÇO

Tropic Air: www.tropicair.com

Turtle Inn Resort: www.turtleinn.com



3D Magic Square #3

Foto: Objeto Sim Projetos Culturais

A INVENÇÃO DA COR: MAGIC SQUARE #3

CCBB Brasília apresenta obra-instalação inédita
de Hélio Oiticica

Obra de 200 m² foi construída a partir de instruções detalhadas deixadas pelo artista e poderá ser visitada nos jardins do CCBB. Segunda Magic Square aberta ao público no mundo, a instalação faz um convite ao visitante para penetrar em seus labirintos e compor um percurso pessoal

Os jardins do Centro Cultural Banco do Brasil Brasília estão se transformando num verdadeiro museu a céu aberto. *A Invenção da Cor: Magic Square #3* é o terceiro *Magic Square* existente no mundo, o segundo aberto à visitação pública – o outro está instalado no Instituto Inhotim, onde é obra ícone desde a inauguração. Uma obra integra a coleção particular. *Magic Square #3* deverá se tornar um novo cartão postal da capital brasileira e poderá ser visitado gratuitamente.

Um labirinto construído ao ar livre, pintado com cores fortes, que transporta a arte para fora do ambiente das galerias e museus e propõe uma vivência integrada à natureza e à urbanidade, transformando o espectador em cocriador. Esta poderia ser uma definição do *Magic Square*, obra que sintetiza o pensamento de Oiticica.

Sinônimo de invenção, Hélio Oiticica foi um artista que rompeu os limites do quadro, transpondo a tela para o espaço ambiental e propondo a integração com o espectador como participante ativo da obra de arte. Para ele, a arte ganha sentido na relação com o ser humano e deve ser vivida, experimentada, usufruída.

O *Magic Square #3* é uma obra que cria planos de cor luminosos, formando ambientes para serem percorridos

e experienciados pelo visitante, a partir da pintura e de materiais como concreto, granitina, vidro e alvenaria.

Com seus trajetos labirínticos integrados ao ambiente externo, o *Magic Square #3* dá sequência ao pensamento do artista a respeito do que ele chamou de “*arte ambiental*”: na obra-instalação nada é isolado e a percepção e a experiência sensorial têm papel relevante. Como originalmente os *Magic Square* foram concebidos para ocupar a área urbana, a obra-instalação de Brasília está situada no gramado do CCBB, próximo à cerca que faz limite com a Ponte JK e

seu trânsito contínuo. Ali, a poética de Oiticica pode dialogar com a cidade.

A Invenção da Cor: Magic Square #3 é o primeiro passo para HÉLIO OITICICA | DELIRIUM AMBULATORIUM, uma exposição retrospectiva do trabalho do artista, com curadoria do premiado cu-



Helio Oiticica
Foto: Divulgação / Objeto Sim

rador e pesquisador Moacir dos Anjos, que deverá chegar ao CCBB Brasília em 2023. A obra-instalação é uma realização do Centro Cultural Banco do Brasil Brasília, a partir de iniciativa da Tuíla Arte Produção, com coordenação e direção executiva de Bruna Neiva e consultoria do Projeto Hélio Oiticica. *A Invenção da Cor: Magic Square #3* tem o patrocínio da BB DTVM.

MAGIC SQUARE

Artista que é símbolo e inspiração do movimento Tropicalista, Hélio Oiticica (1937-1980) marcou a história da arte mundial com seu trabalho experimental, performático, presente em instalações, pinturas, esculturas e ações, que influenciaram artistas plásticos, músicos, pensadores.

Hélio Oiticica rompeu com a arte bidimensional, superando o quadro e dando início ao que ele chamava de *“exercício experimental de liberdade”*. Desse processo surgiram, dentre outros, os *Penetráveis*, como revela a

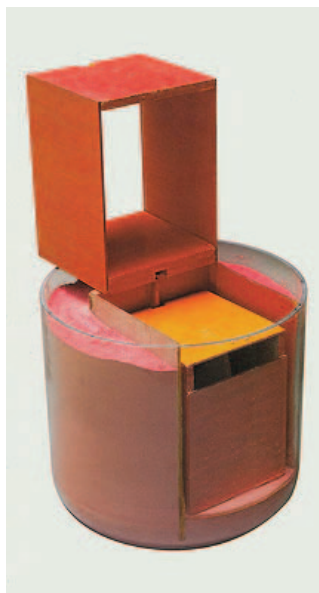
entrevista registrada por Ivan Cardoso, na Folha de São Paulo, em 16 de novembro de 1985: *“Para mim, foi uma abolição cada vez maior de estruturas de significados, até eu chegar ao que considero a invenção pura. ‘Penetráveis’, ‘Núcleos’, ‘Bólides’ e ‘Parangolés’ foram o caminho para a descoberta do que eu chamo de ‘estado de invenção’. Daí é impossível haver diluição. Não se trata de ficar nas ideias. Não existe ideia separada do objeto, nunca existiu, o que existe é a invenção. Não há mais possibilidade de existir estilo, ou a possibilidade de existir uma forma de expressão unilateral como a pintura, a escultura departamentalizada. Só existe o grande mundo da invenção”*.

O termo *Penetrável* foi cunhado por Hélio Oiticica como forma de sugerir a relação ambiente x espectador. Um espaço penetrável é aquele que pode ser atravessado, aberto e transitável. Em um momento inicial, em 1960, o artista projeta uma pequena estrutura em formato de cabine com painéis de madeira modulares, pintadas na



Grande Núcleo

Foto: ebiografia / Reprodução



B8 Bólido Vidro 2

Foto: Enciclopédia Itaú Cultural / Reprodução



Parangolés

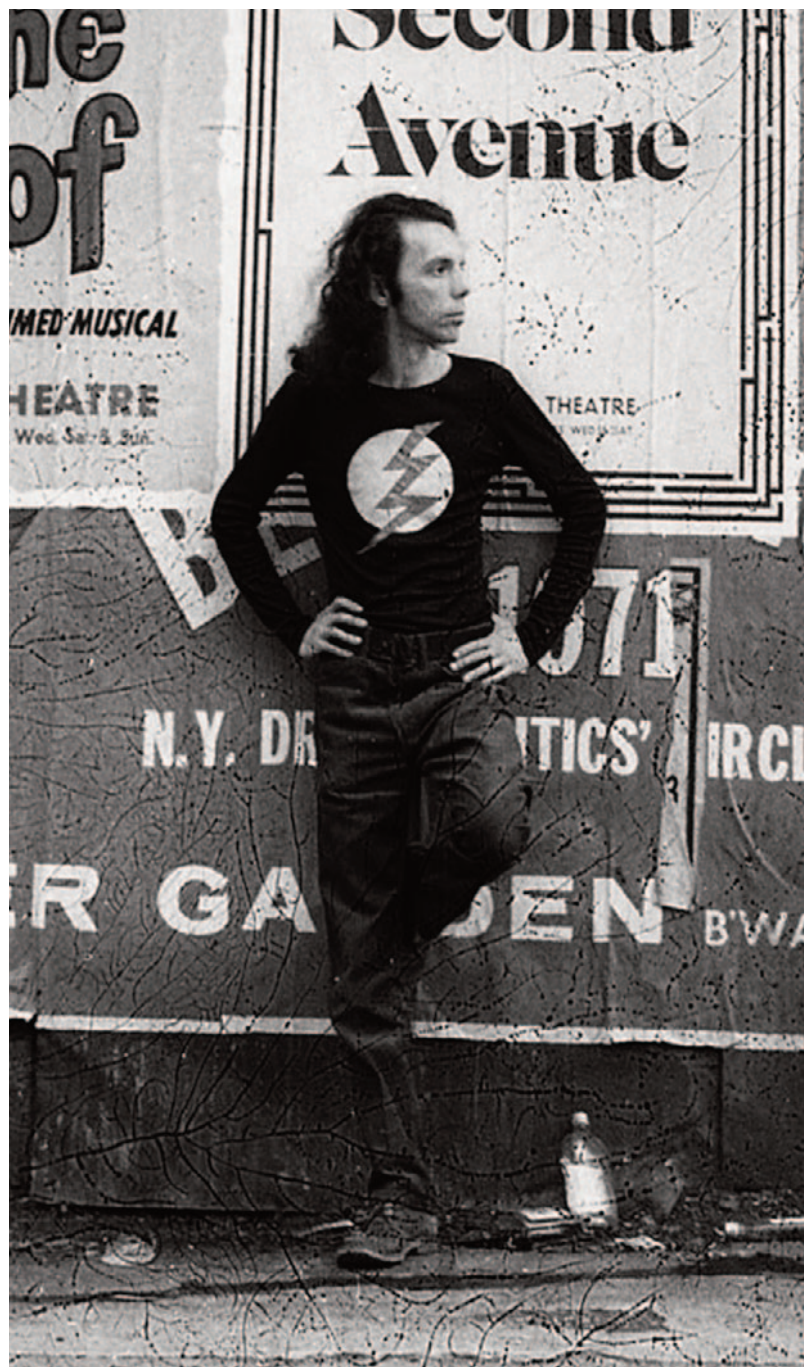
Foto: ebiografia / Reprodução

cor amarela, atraindo o espectador a vivenciar e fruir o espaço planejado, com a possibilidade de movimentar os painéis, onde a escolha do deslocamento das paredes de cores vibrantes pode instituir outras formas de desvendar a obra. Nele, o visitante deixa de ser um agente passivo para ser um espectador ativo e adentra no pensamento de Oiticica, de que um trabalho artístico só poderá acontecer com a existência do corpo por inteiro.

Os *Magic Square* começam a ser desenvolvidos entre 1977 e 1979. O título procura contemplar os dois termos "quadra" e "praça", traduzidos para a língua portuguesa, simbolizando um lugar para ser público. Os *Magic Square* trazem como proposta uma interação do público, que permite ao espectador se locomover pelo labirinto construído ao ar livre, com materiais distintos, possibilitando diversas experiências sensoriais ao caminhar entre os enormes espaços.

HÉLIO OITICICA

Um dos maiores expoentes da arte contemporânea brasileira, Hélio Oiticica iniciou sua carreira estudando com Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Escreveu seu primeiro texto sobre artes plásticas em 1954, e desde então o registro escrito de suas reflexões sobre arte e sua produção tornou-se um hábito. Em 1955, integrou o *Grupo Frente*, participando de exposições com trabalhos de linguagem construtiva. Ligou-se posteriormente



Hélio Oiticica

Foto: Divulgação / Objeto Sim



Magic Square #3
Foto: Objeto Sim

ao *Grupo Neoconcreto*, tomando parte nas mostras realizadas no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. O artista integrou a representação do Brasil na Exposição Internacional de Arte Concreta, organizada por Max Bill em Zurique, e esteve presente nas coletivas de vanguarda *Opinião 65*, *Opinião 66* e *Nova Objetividade Brasileira*, expondo ainda na Bienal de São Paulo (1957, 1959 e 1965) e na Bahia (1966).

Logo abandonou os trabalhos bidimensionais, incursiando por novos domínios, como seus *Núcleos* e *Penetráveis*, para chegar em seguida à arte ambiental. Surgiram assim, de 1965 em diante, suas manifestações com os *Parangolés*, estandartes, tendas, entre outros. Todas essas experiências foram então objeto de uma exposição efetuada em 1969 na Whitechapel Gallery, em Londres. Em 1970, Hélio Oiticica mudou-se para Nova York, onde recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim e participou da mostra *Information*, organizada pelo MoMA. Viveu nos Estados Unidos até 1978, quando então regressou ao Brasil, iniciando a última fase de sua carreira.

Após seu falecimento, foi criado, em 1981, o *Projeto Hélio Oiticica*, destinado a preservar, analisar e divulgar sua obra, dirigido por Lygia Pape, Luciano Figueiredo e

Waly Salomão. Entre 1992 e 1997, o Projeto HO realizou uma grande retrospectiva, apresentada em Roterdã, Paris, Barcelona, Lisboa, Mineápolis e Rio de Janeiro. Algumas das mais importantes instituições de arte do mundo, como *MoMA – Museum of Modern Art* de Nova York, o *Tate Modern* em Londres e o *Museum für Moderne Kunst* de Frankfurt, na Alemanha, promoveram mostras individuais de Hélio Oiticica, ao longo das últimas décadas.

SERVIÇO

Helio Oiticica

A Invenção da Cor: Penetrável Magic Square #3

Centro Cultural Banco do Brasil Brasília – jardins

Até 7 de maio de 2024

De terça a domingo, das 09h às 20h30

SCES, Trecho 2, Lote 22, Brasília, DF

Informações: (61) 3108-7600 ou pelo e-mail

ccbbdf@bb.com.br

ENTRADA FRANCA

Site: bb.com.br/cultura

Ingressos: eventim.com.br

[Facebook/ccbb.brasilia](https://www.facebook.com/ccbb.brasilia)

Twitter/ [@ccbb_df](https://twitter.com/ccbb_df)

Instagram/[ccbbbrasilia](https://www.instagram.com/ccbbbrasilia)

Youtube/ [Bancodobrasil](https://www.youtube.com/Bancodobrasil)



Jeff Barbato (Sorocaba), *Percorso #13*, 2021
Foto: Divulgação

Centro Cultural Correios SP abre coletiva O ENCONTRO É UM LUGAR IMPOSSÍVEL com obras de 24 artistas de cidades do interior e da capital paulista

A mostra, inédita, com curadoria de Allan Yzumizawa, apresenta a divergência e o conflito como potência, e estará aberta gratuitamente para visitação até 3 de junho

*“A física diz que a matéria nunca pode se encontrar. Isso porque os átomos – as menores partes de um elemento – nunca se encostam, ao mesmo tempo em que ambos trocam sua energia (elétrons), uns com os outros. A exposição coletiva **O encontro   um lugar impossível**, apresenta a divergência e o conflito como potência, de modo que se posiciona em direção oposta ao que os algoritmos tendem a reunir; apresenta um leque de possibilidades de técnicas, temáticas que a contemporaneidade na arte possibilitou explorar”*

Allan Yzumizawa, curador convidado



Carlos Carvalho (Paulínia), *Tentativa concreta 4. Meti feltro no metaesquema*, 2020

Foto: Divulgação



Wesler Machado Alma (Limeira), *Nº 601*, 2020

Foto: Divulgação

A mostra reúne 56 obras de 24 artistas de 10 cidades: Campinas, Indaiatuba, Itu, Jundiaí, Limeira, Paulínia, São Bernardo do Campo, São Paulo, Sorocaba e Ubatuba. Todos os artistas participaram da segunda edição do edital *Meios e Processos* em 2020, ocorrido de forma online na *Fábrica de Artes Marcos Amaro* (FAMA Museu), sob orientação de Andrés I. M. Hernández e Kátia Salvany, com a direção de Raquel Fayad.

Os estudos e encontros foram realizados remotamente em 12 sábados, com duração de quatro horas cada, no período inicial da pandemia. O grupo manteve contato e compartilhamentos contínuos de forma independente, e as trocas deram origem à mostra, a partir das constelações curatoriais de Allan Yzumizawa, que pautou sua seleção na diversidade de temas, linguagens, experiências pessoais, entre oposições e semelhanças.

Segundo Yzumizawa, a exposição parte da heterogeneidade das pesquisas individuais de cada um, evidenciando os dissensos que acontecem quando reunidos coletivamente. Desta forma, tem a divergência e o conflito como potência, indo em direção oposta ao que vivenciamos na atual sociedade dos algoritmos, que nos induzem a conviver apenas com o que gostamos e repudiar o que é diferente ou pensa diferente.

SERVIÇO

Exposição “O encontro é um lugar impossível”

Curador convidado: Allan Yzumizawa

Artistas: Alan Oju, Ana Takenaka, Angerami, Antonio Pulquério, Carlos Carvalho, Cristian Psedks, Dani Shirozono, Eduardo Amado, Erica Sanches, Gabriel Torggler, Guilherme Borsatto, Gustavo Salvatore, Jeff Barbato, Julie Dias, Lucas Souza, Marcio Amâncio, Marisa Martins Carvalho, Raquel Fayad, Soraia Dias, Sylvia Sanchez, Thiago Goya, Vera Parente, Wesler Machado Alma. Yohana Oizumi

Abertura: 03/05, a partir das 15h

Visitação: até 03/06 – Segunda a sexta, das 10h às 17h

Centro Cultural Correios de São Paulo

Praça Pedro Lessa, s/n, Vale do Anhangabaú, Centro, SP

Informações: (11) 2102-3691

E-mail: centroculturalsp@correios.com.br

Programação:

03/05 às 14h

Performance **Há “Sagrado Coração”** no chão do Rosário com Antonio Pulquério, trajeto partindo da Praça Antonio Prado (antiga Praça Nossa Senhora do Rosário) às 14h em direção ao Centro Cultural Correios

03/05 às 15h

Performance **“Primeira Epístola”** com Yohana Oizumi no Centro Cultural Correios, sala de exposições (2º andar)

03/06

Lançamento do catálogo virtual

Mais informações na landingpage da exposição:

<https://sites.google.com/view/oencontroemlugarimpossivel/o-encontro-%C3%A9-um-lugar-imposs%C3%ADvel>



Julie Dias (São Paulo), *José: Antropomorfia do cacareco etnográfico*, 2021

Foto: Divulgação



Pssiiuuu...

Mostra antológica
de Anna Maria
Maiolino

traz vida-obra
de uma das mais
relevantes artistas
contemporâneas,
a partir do dia 7,
no Instituto

Tomie Ohtake (SP)

Anna Maria Maiolino, Caracas, 1956
Coleção da artista
Foto: Olga Demeter

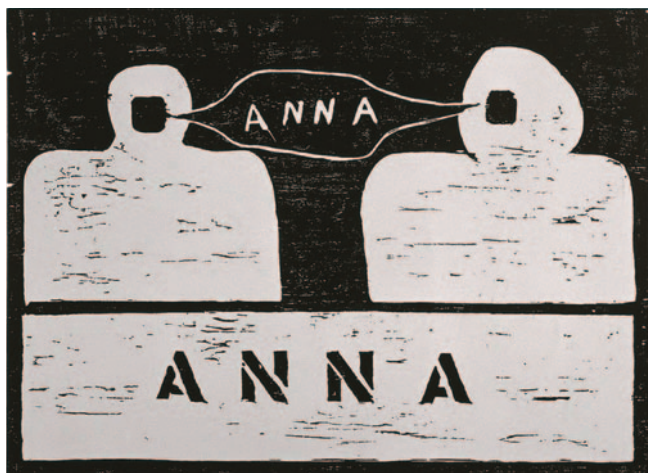
A exposição inédita de Anna Maria Maiolino – inaugurada no mês em que a artista completa 80 anos – ocupa, com cerca de 300 obras, todas as três grandes salas do andar superior do Instituto Tomie Ohtake, espaço só antes dedicado às individuais de Yayoi Kusama e Louise Bourgeois

Nos últimos três anos, o curador Paulo Miyada esteve ao lado de Maiolino para juntos desenharem a exposição, construída a partir de muitas horas de conversa que resultaram, além de um ensaio aprofundado do curador sobre a produção da artista, em maquetes que dispõem meticulosamente cada obra selecionada.

A mostra antológica, que exhibe momentos, obras e acontecimentos significativos na “vida-obra” de Maiolino, como ela mesma nomeou, traz pinturas, desenhos, xilogravuras, esculturas, fotografias, filmes, vídeos, peças de áudio e instalações. Segundo Miyada, *Anna Maria Maiolino – pssiiiiuuu...* (onomatopeia que

pode ser assobio, chamado, flerte, pedido de silêncio, segredo, sinal) foi concebida como uma espiral que circula entre todas as fases e suportes da carreira da artista. A analogia com a espiral se refere à maneira de voltar e ir adiante ao invés de seguir uma cronologia linear. “*Vai-se adiante para se reencontrar o princípio, consome-se energia para devolver as coisas ao que sempre foram*”, destaca o curador.

Anna Maria Maiolino – pssiiiiuuu... está dividida em três núcleos que ocupam respectivamente cada uma das três salas do Instituto Tomie Ohtake. Em **ANNA**, vida, biografia, desejo e multiplicidade convergem no



Anna, 1967, Coleção da artista
Foto: Divulgação



In-Out (Antropofagia), 1973/1974, Coleção da artista
Foto: Divulgação



Entrevistas, da série *Fotopoemação*, 1981, Coleção da artista

Foto: Henri Virgil Stahl

corpo da obra da artista. O conjunto reúne gestos de uma mulher que pode ser uma ou muitas, que deseja e é desejada, que cuida, que desaparece e abruptamente emerge novamente. Sobrepondo múltiplos papéis – como filha, artista, mãe, cidadã, mulher, amante, escritora, latino-americana, europeia e imigrante –, Maiolino mapeou seus deslocamentos físico e psíquico durante a vida e construiu a compreensão de identidade como um constante fluxo que vai e vem entre um e o outro, entre o eu e a multidão.

Já em **Não Não Não**, as obras confrontam totalitarismo, censura, repressão e desigualdade. Seu interesse político abrange desde a violência dos regimes ditatoriais da América Latina até a aparente normalização da pobreza e da fome numa escala global. Os focos centrais desse núcleo são a remontagem da celebrada obra *Arroz e Feijão* (1979), que inclui a oferta de refeições para o público em algumas ativações; uma nova instalação chamada *O amor se faz revolucionário*, baseada

em um projeto de 1992 que homenageava as corajosas mulheres que se organizaram para perseguir a verdade e a justiça depois de terem perdido seus filhos durante a ditadura militar argentina; e obras que remetem à exposição *Aos Poucos*, que Maiolino realizou em 1978 e Miyada identifica como uma importante mostra política realizada no Brasil e até hoje pouco discutida pela crítica.

Por sua vez, *Ações Matéricas* parte do encontro entre materialidades diversas e gestos atávicos identificados tanto ao trabalho do dia-a-dia quanto ao do nascimento da humanidade. Pressionar, moldar, cortar, agarrar, escorrer e rolar são algumas das ações básicas que Maiolino emprega enquanto lida com argila, tinta, vidro, concreto e outros materiais, resultando em uma prática visual e escultural fortemente ancorada na escala do corpo. A seção inclui obras feitas há mais de 50 anos ao lado de trabalhos recentes, compondo uma espécie de paisagem com múltiplas peças que se relacionam de modo tátil e



visual. Neste núcleo pode-se apreender o grande caminho espiral criado pela exposição: voltar e ir adiante no tempo, linguagem e subjetividade.

O catálogo da exposição traz um extenso ensaio de Paulo Miyada, reproduções de todas as obras e ainda seleção inédita de escritos da artista ao lado de documentos, projetos, fotografias e esboços. Esses documentos reforçam a prerrogativa de gênero, maternidade, sexualidade, políticas migratórias e questões sociopolíticas como aspectos-chave de um trabalho que é completamente misturado com vida, mesmo quando sua aparência não é obviamente autobiográfica, nem predominantemente narrativa. De modo complementar à exposição, essa publicação oferece uma oportunidade única de considerar as implicações entre vida e obra de Anna Maria Maiolino.

SERVIÇO

Exposição: Anna Maria Maiolino - pssiiiiuuu...

7 de maio (inauguração das 12h às 15h) a 24 de julho

De terça a domingo, das 11h às 20h

entrada franca

Instituto Tomie Ohtake

Av. Faria Lima 201 (Entrada pela Rua Coropés 88)

Pinheiros, SP

Metrô mais próximo:

Estação Faria Lima/Linha 4 – amarela

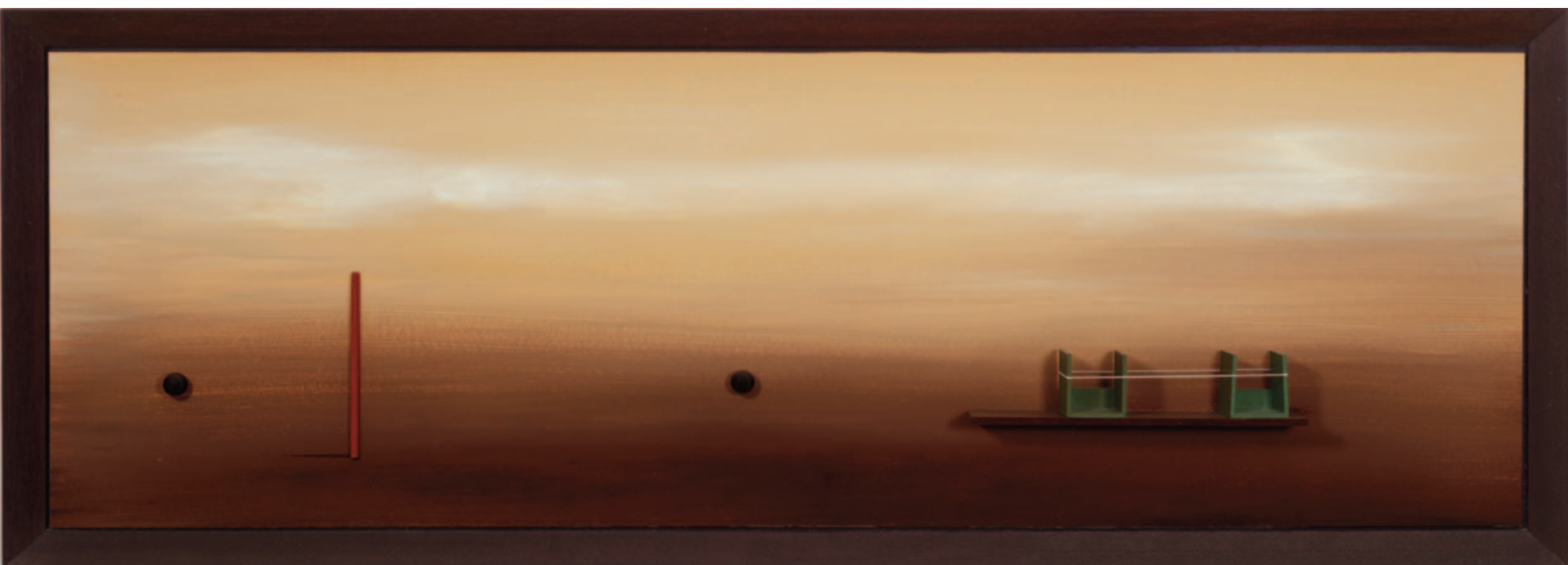
Tel.: 11 2245 1900

Sem título, da série *Ações Matéricas*, 1999,

Coleção da artista

Foto: Everton Ballardin

Waltercio Caldas – O estado das coisas, na Galeria Raquel Arnaud SP



Waltercio Caldas, *Mundo aberto*, 2021

Foto: Jaime Acioli

A partir do dia 2 e até 18 de junho Waltercio apresenta sua produção celebrada por romper padrões da percepção, com obras que se estabelecem entre enigmas e equações e escapam até mesmo de suas soluções

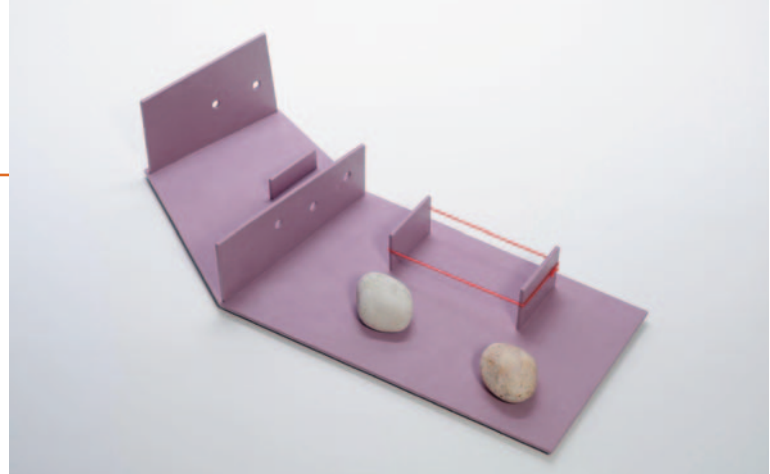
São trabalhos que propõem uma experiência nova ao observador. Para Waltercio, a tarefa dos artistas é melhorar a qualidade do desconhecido. *“As obras de arte devem desempenhar inesperadas possibilidades diante do espectador. Uma experiência inaugural”*, afirma.

Se em sua última exposição na Galeria Raquel Arnaud (2017), o artista apresentou uma série de desenhos, desta vez mostra cerca de 20 peças inéditas, entre esculturas, objetos, pinturas e desenhos, com montagem criada por ele, como acontece em suas individuais. O



Sem título, 2018

Foto: Jaime Acioli



Filtro, 2021

Foto: Jaime Acioli

conjunto de obras reunidas trata da linguagem do tempo real e contrasta diretamente com o apelo publicitário dos espetáculos e dos realismos virtuais.

Waltercio traz para a cena variadas proporções do real e objetos que parecem se transformar no exato momento de sua percepção. *“O mundo está acostumado a aperfeiçoamentos ilusórios através da maquiagem sobre as coisas da arte”*, diz. Por isso, para ele, não importam narrativas e temas artificialmente impostos ou mesmo a descrição dos materiais utilizados. Trata-se de *“viabilizar a experiência da verdade da arte, colocando-a em situação de presença, em contato com o real vigente”*, como escreveu Gilton Monteiro Jr (*O atelier transparente*, 2015, IAC).

Ao artista interessa investigar os limites da linguagem, assim, em suas telas tridimensionais, suporte mais raro em sua produção, Waltercio as coloca tensionadas com os outros objetos da mostra, pois o que persegue é a rebeldia das imagens pintadas.

O estado das coisas remete à atuação de Waltercio na 33ª Bienal de São Paulo quando foi curador convidado, ao lembrar a mesma situação de rigor e

humor observada na mostra internacional. *“Uma exposição é a soma de significados entre as várias obras, onde o artista pode esclarecer no uso do espaço suas intenções”*, completa.

WALTERCIO CALDAS

(RIO DE JANEIRO, RJ, 1946)

Com uma carreira de sucesso e coerência excepcionais, prêmios em duas Bienais Internacionais além do Prêmio Mario Pedroza pelo conjunto de sua obra, o artista possui obras em espaços públicos no Brasil e no exterior e em coleções de importantes museus como MAM Rio de Janeiro, Pinacoteca de São Paulo, Neue Gallery (Kassel), MoMA (Nova Iorque), Reina Sofia (Madri), Centre Georges Pompidou (Paris) entre outros.

SERVIÇO

Waltercio Caldas – O estado das coisas

Visitação: até 18 de junho de 2022 – entrada franca

Galeria Raquel Arnaud

Rua Fidalga, 125, Vila Madalena, SP

Tel.: (11) 3083-6322 – <https://raquelarnaud.com/>

De segunda a sexta, das 10h às 19h,

sábado, das 12h às 16h



Galeria

BRASILEIRINHO,

em Tiradentes

(MG),

lança o

1º catálogo

de 2022

com

raridades

da arte

popular

brasileira

Gina Celeghini, *Bailarina*

Cabaça, papel Machê, folhas de ouro 24 Kilates e cristais

Foto: Catálogo de divulgação



Waldomiro de Deus, *Fim de tarde*, Tela
Foto: Catálogo de divulgação

Há mais de 13 anos, André Malta e a esposa Priscila Costa fundaram a Galeria Brasileirinho em Tiradentes, MG. Motivados pela excelência da arte popular brasileira, passaram a viajar por todas as regiões do país, descobrindo e valorizando talentos. Hoje são curadores de arte popular e lançam três catálogos por ano.

“A seleção das peças vai muito além da estética. Buscamos peças que nos emocionem, nos façam refletir, nos instiguem, que representem a nossa identidade! Os nichos da Galeria abrigam as cores, a diversidade cultural e as vivências desse Brasil tão múltiplo. Transmitimos estas emoções e histórias para nossos visitantes e clientes que, assim como nós, se encantam” – afirma Malta.

Reconhecida no cenário nacional, a galeria recebe amantes da Arte Popular, colecionadores influentes, designers e arquitetos de todo o país, que vão ao local em busca de peças especiais e singulares. Os catálogos virtuais são encaminhados aos clientes cadastrados e também podem ser solicitados gratuitamente via whatsapp.

SERVIÇO

Brasileirinho – A Casa de Arte do Brasil

Mais informações em

<https://brasileirinhotiradentes.com.br/>

Whatsapp: (32) 98856-7002 e (32) 98871-2795

Instagram: [@brasileirinhotiradentes](https://www.instagram.com/brasileirinhotiradentes)

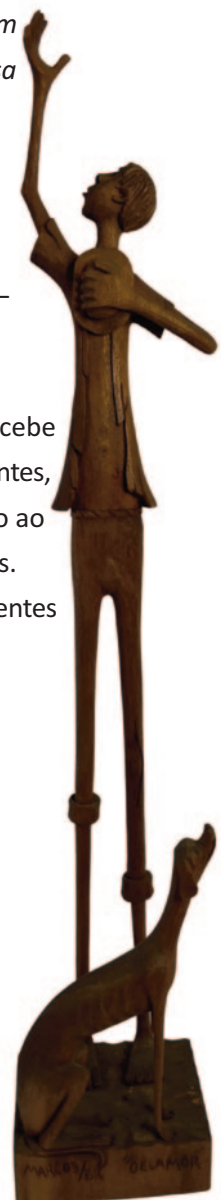
Marcos de Sertânia, *Clamor*, Madeira

Foto: Catálogo de divulgação



Elisa Pena,
Santa,
Cerâmica

Foto: Catálogo de divulgação





Kerry James Marshall, *Untitled (Painter)*, 2008, Collection of Charlotte and Herbert S. Wagner III
Courtesy of the artist, David Zwirner London and Jack Shainman Gallery, New York
Foto: Steve Briggs

Exposição na Whitechapel Gallery, Londres,
desvenda 100 anos dos estúdios de artistas



Panorâmica da exposição
Foto: Divulgação

Maria Hermínia Donato

A primavera chegou com o mesmo comportamento das pessoas no pós-Covid, cheia de energia e volúpia.

Subo no 242, ônibus de dois andares, símbolo de Londres, primeiro puxado por cavalos em 1850, e motorizado em 1910. Em 2002 a Rainha Elizabeth passeou de ônibus nos jardins do Palácio de Buckingham. Se é bom para Rainha passear de ônibus, imaginem para mim!

Chego a Galeria Whitechapel para ver a elogiada exposição *A Century of the Artist's Studio: 1920-2020* que reúne mais de 100 obras de 80 artistas e coletivos da África, Australásia, Sul da Ásia, China, Europa, Japão, Oriente Médio, Américas do Norte e do Sul. A exposição inclui pinturas, instalações e filmes que retratam o estúdio como obra de arte, mostrando sua evolução ao longo de um século como força vital na produção artística. Com a justaposição de artistas modernos com contemporâneos, a exposição pergunta:

“O que mudou e o que permaneceu no conceito de estúdio de artista?”

No Renascimento, o trabalho do artista era realizado na *Bottega* – a oficina – onde os artistas entravam como aprendizes para praticar a arte de seus mestres, ao contrário do *Studiolo*, uma sala de contemplação localizada no mesmo edifício.

Rembrandt pintou seu autorretrato incluindo o estúdio, desmistificando o mistério que o envolvia. O estúdio passa a existir no contexto da pintura. Com a industrialização dos materiais usados pelos artistas, o estúdio se transforma no que é necessário ao artista. Monet, equipou um barco para funcionar como um estúdio flutuante, Renoir fez a maioria das suas telas ao ar livre. Matisse e Bonnard incluem seus estúdios com frequência nas suas pinturas. Nos anos 60, Andy Warhol inovou o modelo de estúdio ao combinar a produção artística

com o local de festas frequentadas por celebridades, em uma visão metacrítica da cultura popular americana.

Hoje, alguns estúdios empregam um grande número de assistentes para administrar as várias áreas necessárias à produção das obras. Não tão diferente da Bottega da Renascença.

Durante a pandemia, a comunicação entre o público da Whitechapel e os artistas foi feita através de visitas virtuais aos seus estúdios. Imaginem a possibilidade de adentrar num mundo invisível, misterioso, onde o processo criativo nasce. Um momento do privado ser público e do local ser global.

A exposição *A Century of the Artist's Studio: 1920-2020* é dividida em 11 seções com os seguintes temas:

- O Estúdio Performático (*Performing The Studio*),
- O Estúdio Coletivo (*The Collective Studio*),
- O Estúdio como Instalação (*The Studio as Installation*),
- O Estúdio como Palco (*The Studio as a Stage Set*),
- A Vida Secreta do Estúdio (*The Secret Life of The Studio*),
- O Estúdio Íntimo (*The Intimate Studio*),
- Um Dia na Vida do Estúdio (*A Day in the Life of The Studio*),
- O Estúdio como Santuário (*The Studio as Sanctuary*),
- O Estúdio como Laboratório (*The Studio as Laboratory*),
- Comendo o Estúdio (*Eating The Studio*) e
- Estação de Pesquisa (*Research Station*).

ALGUMAS OBRAS / ARTISTAS

Louise Bourgeois – Cell IX, 1999

A primeira obra que se vê, ao entrar na exposição, é de Louise Bourgeois – *Cell IX*. Os espelhos posicionados fora do cárcere/cela refletem as possibilidades de proteção, aprisionamento, dor, angústia, medo e toda gama de emoções que ocorrem no seu interior.



Louise Bourgeois, *Cell IX*, 1999, Courtesy D. Daskalopoulos Collection, © The Easton Foundation/VAGA at ARS, NY and DACS, London 2021

Lisa Brice – Untitled, 2019

Nos anos 50/60 as campanhas de propaganda promoviam os produtos através da imagem do artista/homem/branco/herói, no seu estúdio, pintando uma mulher nua. Lisa Brice – *Untitled*, autorretrato como musa e artista, corrige a desigualdade demográfica da História da Arte se identificando com as duas.



Lisa Brice, *Untitled*, 2019, © Lisa Brice, Courtesy the artist; Stephen Friedman Gallery, London; Salon 94, New York; and Goodman Gallery, South Africa. Katrin Bellingher Collection

Fotografias

A fotografia permite a circulação de imagens do artista em seu estúdio. A Whitechapel reúne uma coleção de fotografias como: Henri-Bresson, foto de Matisse em 1944, Picasso numa foto de 1963 tirada por Robert Doisneau dançando para a câmera no meio de suas obras.



Foto: Maria Herminia Donato

Nikhil Chopra – *La Perla Negra: Plaza de Armas, 2015*



Para a Bienal de Havana em 2015 o artista Nikhil Chopra morou numa gaiola situada na Plaza de Armas pintando o que via através das grades. Ele se apresentou na persona de “Black Pearl”, uma glamorosa artista negra dos anos 50. O trabalho *La Perla Negra: Plaza de Armas* tem sido visto como uma alegoria à História de Cuba.

Arpilleras

Arpilleras Workshops, um grupo chileno formado clandestinamente por artistas desconhecidas durante a ditadura de Pinochet, mostra trabalhos feito em bordados que documentam as injustiças do regime.



Arpilleras – *Unknown female artist (Untitled)*, 1970s

Foto: Tate

Courtesy Kettle's Yard, University of Cambridge

Foto: Stephen White & Co.

Grupo Bloomsbury, Charleston House

Vanessa Bell e Duncan Grant, junto com artistas do *Grupo Bloomsbury* transformam uma casa na área rural

de Sussex em casa/atelier decorando portas, paredes, camas lareiras, cerâmicas, têxteis e papel de parede.

Kurt Schwitters, *Studio Corner, Merzbau, Hannover*



Kurt Schwitters, *Merzbau*

Foto: Wikiart / Domínio público

O artista Kurt Schwitters, do Studio Corner, Merzbau, 1923-33, cria uma colagem espacial que é obra de arte e estúdio. A casa, localizada em Hannover e bombardeada em 1943, se torna lendária na História da Arte. Construída em madeira com ângulos vertiginosos e pintada de branco, cria um espaço baseado em dois princípios: *Merz* – que para Kurt significa criar conexões

entre tudo neste mundo – e *Bau*, palavra alemã que significa toca ou habitação de animais. A casa foi criada como homenagem aos amigos dadaístas Hans Arp, Hannah Hoch, Raul Hausmann e documentada em 1933 pelo fotógrafo Wilhelm Redemann.

Francesca Woodman

Francesca Woodman, apesar da sua curta existência, fez arte do nada, salas vazias, paredes descascadas e apenas sua figura, seu corpo. Usava o estúdio como espaço de fantasia e experimentação.

As fotografias “*A Woman, A Mirror: A Woman is a Mirror for a Man*” mostram o reflexo de Francesca fotógrafa que, embora tenha morrido muito jovem, foi uma artista inovadora ultrapassando os limites da fotografia experimental.



Francesca Woodman, *Untitled*, New York, 1979, Courtesy The Woodman Family Foundation and Victoria Miro, © Woodman Family Foundation/DACS, London 2021

Walead Beshty

A última obra da exposição é um mural gigantesco onde o artista Walead Beshty imortaliza pás de lixo, tesouras, fitas, fones de ouvido, convites, recibos e faturas, mergulhando o espectador nos detritos da inspiração, do trabalho, do processo e da sobrevivência. *“Pensei no estúdio como uma máquina para fazer um tipo de filme”, diz Beshty. “É uma foto que mostra exatamente como surgiu, tudo o que estava envolvido... maquinaria e tecnologia – mas também as relações sociais. Acho que isso é particularmente importante... o que faz uma obra de arte são também as relações sociais entre os indivíduos”* – acrescenta.

A Century of Artist’s Studio mostra comportamentos diferentes em contextos e ambientes distintos, uma série de estratégias para registrar a expressão e experiência humana. A tensão entre privado e público, individual e coletivo é explorada através das imagens do estúdio questionando por vezes a história da arte.

SERVIÇO

A Century of the Artist’s Studio: 1920 – 2020

Até 5 de junho

Whitechapel Gallery – 77-82 Whitechapel High St
London – E1 7QX

<https://www.whitechapelgallery.org/>



Mequitta Ahuja, *Notation*
2017, Courtesy the artist and
Tiwani Contemporary

Oxigene seu negócio.
Aqui você só encontra notícias boas.
Revista mensal, online e gratuita.



SOLICITE NOSSO MÍDIA KIT
oxigeniorevistabr@gmail.com

OXIGÊNIO
revista